



“URSA MAIOR”: O MÍTICO E O REAL EM *MACUNAÍMA* DE MÁRIO DE ANDRADE

Stephane Terres Sanzovo¹

Fernando de Moraes Gebrá²

Este trabalho está vinculado ao projeto de Monitoria em Literatura Brasileira I e II: Formação e Consolidação do Sistema Literário. As disciplinas que fazem parte deste projeto e atendem duas fases do curso de Letras:- Português e Espanhol - Licenciatura, da UFFS/Chapecó, trabalham o texto literário de maneira a abranger os diferentes discursos críticos acerca de cada obra literária estudada e promover a intertextualidade e a interdiscursividade com outros gêneros, relacionando, assim, texto, contexto e intertexto. Nessa perspectiva de estabelecer relações de contato, uma das obras trabalhadas é *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1893-1945), elaborada após uma série de pesquisas, realizadas pelo autor, de cunho folclórico, mitológico e antropológico, em uma tentativa de mapear, na diversidade cultural brasileira, traços em comum. No capítulo “Ursa Maior” da obra, notamos o que aparece em todo o enredo da rapsódia, isto é, uma fusão de distintos elementos que compõem a cultura brasileira, como uma tentativa de explicação, por exemplo, de fenômenos naturais como a formação da noite ou então da presença de uma personagem mítica como o saci. Nesse capítulo, percebemos o impasse de *Macunaíma*, dividido entre os elementos primitivos do Uraricoera e os civilizados da Pauliceia. A metodologia de análise de “Ursa Maior” partiu dos estudos de Análise do Discurso de autores como José Luiz Fiorin e Diana Barros, que entendem que o sentido de um texto é construído a partir de relações com outros textos e outros discursos. Tendo em vista os pressupostos teóricos acerca da intertextualidade e da interdiscursividade, analisamos o capítulo supracitado da obra por meio da comparação com a crônica “Anjos do Senhor”, de Mário de Andrade, permitindo, assim, ler elementos culturais híbridos presentes em *Macunaíma*. Essa leitura intertextual permitiu a análise, na rapsódia, da crença dos diferentes povos (indígenas, africanos e europeus) sobre a vida após a morte, em um processo de fusão chamado hibridismo cultural. Com base no ensaio de Florestan Fernandes de 1946, acerca do aproveitamento de elementos folclóricos na poética de Mário de Andrade, entendemos a morte como uma forma de retorno à vida, mesclando o mítico com o real, pois mesmo que o herói não viva mais no mundo terreno, ele se transforma em uma constelação que ilumina a Terra, a Ursa Maior. Com base nesse capítulo, explicamos como acontece essa fusão da diversidade cultural brasileira e de que forma a intertextualidade pode ser trabalhada para maiores entendimentos sobre a obra.

Palavras-chave: Hibridismo cultural. Intertexto. Interdiscurso.

¹ Acadêmica de Letras:- Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus de Chapecó SC. É bolsista do projeto de Monitoria em Literatura Brasileira I e II: Formação e Consolidação do Sistema Literário. stesanzovo@gmail.com

² Professor Doutor do curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó-SC fernando.gebra@uffs.edu.br